

Palestra do Guia Pathwork® nº 251

Palestra Não Editada

17 de maio de 1978

A EVOLUÇÃO E O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DO CASAMENTO – O CASAMENTO DA NOVA ERA

Abençoadas sejam as suas vidas, todos os seus pensamentos, esforços e empreendimentos, meus muito queridos amigos. Sem seu compromisso profundo de viverem à altura de seu potencial inato de ser uma pessoa de Deus, não poderíamos jamais cumprir nossas próprias tarefas. Dessa forma, dependemos de sua verdade e amor, assim como vocês dependem dos nossos. Nós dependemos de vocês se entregarem ao Criador, da mesma forma que vocês dependem de nós nos entregarmos a Ele. Que as bênçãos a este lindo trabalho mútuo sejam sempre renovadas em nome do Senhor, Jesus Cristo.

Seu nome não daria margem a tanta ambivalência, e com frequência a negatividade, se a verdade divina não tivesse sido tão distorcida em todas as áreas, bem como no que tange Sua vida na Terra e no céu. Todos os grandes influxos divinos, energias poderosas e dinâmicas se prestam mais à distorção do que as formas mais amenas de manifestação criativa. Isso pode ser facilmente observado em suas vidas e com o conhecimento que obtiveram. As grandes forças espirituais contidas no amor dinâmico são mais temidas e geram mais resistência e maledicência do que as correntes tépidas. Esse é o motivo mais profundo por que esses rigorosos tabus existem com relação ao amor sexual, por que liberar as forças espirituais parece ser a experiência mais ameaçadora e perigosa de todas. Porque esses poderes não são de forma alguma meramente etéreos. Eles englobam o todo da personalidade; certamente incluem o corpo. E esse também é o motivo pelo qual a força Crística, a consciência Crística, a realidade Crística passou por tanto mal-entendido e disputa.

É verdade que essas forças são tão fortes que uma personalidade que não tenha sido purificada não pode suportá-las. Na medida em que a negatividade e a distorção existem na mente e na consciência de um indivíduo, essas poderosas correntes se manifestam como crise, dor e perigo. Mas fazer parte dessas forças, estar receptivo a elas, é o profundo anseio de cada alma – consciente ou inconsciente.

Nesse sentido, o desenvolvimento da instituição do casamento é muito significativo. Ele precisa de um discernimento mais profundo, de modo que vocês possam ampliar e aprofundar sua própria compreensão a esse respeito e usar esse conhecimento de modo a articular seu anseio. Esse é sempre o primeiro passo em direção a trazer a questão para a realidade. A humanidade passou pelo desenvolvimento em muitas áreas no transcorrer dos muitos séculos de sua existência. Consideremos alguns aspectos desse desenvolvimento com relação ao casamento nos últimos séculos. Isso lhes dará uma ideia do movimento que ocorreu até agora, o que, por sua vez, abrirá sua visão para o movimento contínuo que deverá ocorrer no futuro. Também os fará ver a atitude atual com relação

Eva Broch Pierrakos

© 1999 The Pathwork® Foundation (An Unedited Lecture)

a essa instituição à luz de uma perspectiva mais ampla. A história pode ser devidamente compreendida somente quando o significado espiritual subjacente aos eventos terrenos é desvendado.

Em um passado não muito distante, o casamento era contraído principalmente como um arranjo que cumpria diversas funções, das quais a menos importante era a função de compartilhamento, de amor, de reciprocidade em todos os níveis da personalidade. Na verdade, amor, entrega sexual mútua e a profunda troca em níveis de energia dinâmica eram rejeitados e condenados. Esperava-se que o casamento fosse um contrato financeiro e social que cumprisse muitas outras funções de motivação inferior da personalidade. Assim, por exemplo, as vantagens financeiras e sociais eram de importância primária. Mas o que era ainda mais significativo do que a existência desse fato era a convicção absoluta de que essas motivações e motivos eram moralmente corretos e virtuosos. Homens se casavam com mulheres que trouxessem um bom dote, que elevassem sua imagem social. Em outras palavras, ganância e orgulho eram exaltados e dotados de virtude.

Os homens se consideravam os superiores com relação às mulheres. Casar-se com uma mulher não significava nada além de adquirir uma escrava que obedecesse ao amo da casa, que se encarregasse de que o homem recebesse todo conforto e conveniência, mas que não fizesse nenhuma demanda de maneira alguma para si mesma. Em troca desses serviços, que incluíam ser um objeto do desejo na maioria das vezes bastante impessoal do homem, a mulher recebia segurança material. Ela não tinha nenhuma outra responsabilidade na vida além de ser um objeto adequado para seu amo. Logicamente vocês entendem, meus amigos, que isso significava muito mais do que mera responsabilidade financeira. Visto que a mulher não era considerada como um completo igual, ela era muito pouco moralmente responsável. A realidade da responsabilidade emocional e mental nem mesmo existia enquanto conceito, mas certamente existia como um fato. Esse fato era acatado pelos homens, ainda que sem a consciência do conceito, mas era totalmente negado quando se tratava das mulheres.

Obviamente, esse não era apenas o resultado da distorção e da negatividade do homem. Era em igual medida resultado de uma intencionalidade fortemente arraigada por parte da psique da mulher. A mulher negou a autorresponsabilidade em todos os níveis por um longo tempo e, portanto, cocriou o relacionamento desigual entre os sexos.

Ambos os sexos temiam igualmente – e ainda temem – as poderosas energias espirituais envolvidas nas forças de amor, Eros e sexo entre homem e mulher. Esse poder é o fluxo criativo propriamente dito, do qual é feito tudo o que é manifesto. Essa poderosa corrente pode ser evocada por diferentes métodos, e não apenas como uma força de união entre um homem e uma mulher. Ela pode ser evocada por meio de disciplinas espirituais no interior de um indivíduo por si só, seja ele homem ou mulher. Nesse caso, funde os princípios e as correntes de poder masculina e feminina no interior de uma única alma.

A alma que não tenha se purificado, não pode suportar essa corrente de poder. Na medida em que a substância da alma não purificada envenena a personalidade, a corrente de poder tem que ser negada, suprimida e dividida. A sexualidade que se manifesta sem amor, compromisso e respeito é apenas essa corrente de poder cindida e negada. Quando os seres humanos acreditam que sexo pornográfico ou promíscuo é mais prazeroso do que a sexualidade que flui de um todo unificado, que se combina com amor e união espiritual, não poderiam estar mais enganados. O exato oposto é verdadeiro. Mas o poder é tão forte que não pode ser suportado pela alma que ainda vive parcialmente na escuridão.

Outro erro humano é a crença de que um casal decentemente casado que seja fiel um ao outro esteja necessariamente além da cisão da sexualidade. O tipo de casamento típico dos tempos antigos, como descrevi previamente, era totalmente uma expressão de supressão, repressão, negação e correntes de poder cindidas. No homem, isso com frequência se manifesta como uma atitude de não ser capaz de vivenciar fortes sentimentos sexuais pela mulher que é amada, honrada e respeitada. Algumas vezes, o medo inconsciente da corrente de poder é tão forte que a cisão é total, e um homem se vê incapaz de vivenciar a sexualidade com uma mulher amada. Em muitos casos, no entanto, a cisão pode existir com a mesma mulher. Ele pode conceder uma honra relativa e um amor relativo a uma mulher com quem tenha se casado (isso apesar de julgá-la inferior), mas obscurecer a realidade dela durante o ato de união sexual. Esse ato pode ser realizado somente quando a mulher se torna um objeto baixo na mente do homem. Assim, o sexo pornográfico pode se manifestar dentro da estrutura do casamento respeitável que é socialmente aceita na totalidade.

Para a mulher, a negação da corrente de poder unificada, forte demais para poder ser suportada pela alma que não tenha se purificado, se manifestava com frequência na negação total da realidade sexual de seu corpo. E sempre que ela se manifestasse apesar de todas as tentativas de negá-la, era vivenciada com culpa e vergonha.

O mal-entendido com relação à culpa e à repressão sexual que existe em seu mundo não chega a ser menos pronunciado hoje do que jamais foi. Essas repressões e negações, essas culpas e falsas vergonhas não foram apenas um resultado de costumes sociais e influências intolerantes. O motivo subjacente é a incapacidade de suportar a força da corrente de poder totalmente unificada, cuja força precisa de uma liberação pelo menos relativa da negatividade, medo, dúvida e destrutividade.

A pessoa veementemente sexual, que vivencia a sexualidade sem amor, sem uma fusão profundamente pessoal com um outro especificamente escolhido, que opta por parceiros passageiros sem o envolvimento de coração e mente – em outras palavras, que é promíscua – não é essencialmente diferente do moralista que é fiel a uma esposa com quem um acasalamento sub-reptício acontece como um dever marital. Ambos têm medo da corrente amor-sexo que foi unificada pelo poder de Eros, pelo poder da reciprocidade no desenvolvimento da alma e no compromisso um com o outro, pela purificação pessoal.

O relacionamento homem-mulher do passado e a atitude com relação à instituição do casamento são um resultado direto desse medo. A autopurificação era praticamente inexistente para um indivíduo típico. Existia somente nas igrejas com algum grau de importância. Mas ali, mais uma vez, o poder total era diminuído pela prescrição do celibato. É verdade que alguns indivíduos especialmente dotados e avançados evocaram esse poder espiritual por meio de seus próprios empenhos em separado. O êxtase místico não é nada senão a liberação de uma corrente de poder espiritual em que Deus é vivenciado como uma realidade viva e física. Isso também pode acontecer idealmente por meio da fusão de um homem e uma mulher que estejam suficientemente livres de medo, que sigam juntos um caminho de autopurificação. Sua união liberará essa corrente de poder interior em que vivenciarão Deus em si mesmos e um no outro.

Antes de discutir isso mais a fundo, retornemos aos estágios evolucionários de sua história. O quadro que descrevi sobre o casamento não é muito atrativo. O casamento, da maneira como existiu por tanto tempo, era na verdade um estado mais pecaminoso do que todos os pecados que os moralistas que perpetuaram esses padrões condenavam. A acusação de pecado por esses moralistas

era direcionada ao sexo ilícito, ao sexo promíscuo ou pornográfico que pudesse ser detectado externamente. É verdade que tudo isso indicava negação da unificação de amor e sexualidade que são uma dádiva de Deus, da maior corrente de poder, que é, em si mesma, uma expressão da Presença divina. Portanto, em um certo sentido, esse medo e negação são um sintoma da alma não purificada, do espírito caído, por assim dizer. Mas, visto que esse estado não purificado da alma é um fato da evolução e dado que vocês todos também realizam uma tarefa no movimento de retorno ao estado de Divindade, é fútil lançar uma acusação contra esse fato, especialmente visto que aqueles que o fazem, fazem parte, eles mesmos, desse fato. Também eles são espíritos caídos, são almas não purificadas, são parte desse movimento evolucionário. Portanto, a atitude apropriada com relação ao medo da corrente de poder total é a de aceitação desse fato da vida; de treinamento ameno de modo que a personalidade possa aclimatar-se gradualmente a essa força de alta potência e suportá-la com conforto. O êxtase pode tornar-se confortável e o fará à medida que a alma crescer em estatura. Isso acontece pelo processo de desenvolvimento que abarca muitas, muitas encarnações.

A verdadeira iniquidade da atitude em relação ao casamento que descrevi, e que prevaleceu até não faz muito tempo, existiu por virtude da culpa secundária envolvida aqui. Em vez de admitir o medo de amar um igual, o homem teve que rebaixar a mulher. Em vez de admitir o medo de amar um igual e vivenciar o prazer da sexualidade, a mulher teve que alienar-se do homem fazendo dele o inimigo. Em vez de admitir que o homem temia um relacionamento de igualdade, ele teve que transformar a mulher em um objeto. Em vez de admitir o medo da autorresponsabilidade em todos os níveis, a mulher transformou-se em um objeto e então culpou o homem exclusivamente por essa criação mútua. Ambos os sexos negaram o medo – o que pode ser chamado, em um nível muito mais profundo, de culpa primária, uma culpa que toda a humanidade compartilha. Mas a negação do medo poderia ocorrer somente por meio de culpas secundárias. Algumas dessas culpas secundárias foram cedendo energia a impulsos do eu inferior. Dessa forma, a ganância material se acumulou. Dinheiro, poder, vantagens sociais desempenharam um papel entre as motivações para a escolha de parceiros. Imagens públicas, valores de aparência, autoimagens idealizadas foram nutridas; orgulho e vaidade foram promovidos a falsos valores moralistas. Se vocês considerarem a indignação moral, o farisaísmo moral de homens e mulheres com relação àqueles que se desviaram dos padrões aceitos, verão a força da culpa secundária. A máscara nem mesmo fingia ser algo autenticamente bom e valioso. A máscara reivindicava ganância, interesse próprio calculista, valores arrogantes de aparência e o uso mútuo um do outro como os mais altos padrões morais. Isso vai muito além da hipocrisia comum. Esse tipo de hipocrisia era tão profundamente arraigado e tão pernicioso que precisava ser fortemente arrancado pela raiz para que a alma pudesse se curar. É importante, meus amigos, que vocês vejam a natureza da atitude com relação ao casamento, visto que existiu por muitos, muitos séculos. As pessoas que se casavam por amor eram as grandes exceções.

O estado de consciência coletivo criou essas condições. Esse mesmo estado de consciência coletivo também criou condições cármicas, pré-requisitos de instruções específicas para as reencarnações subsequentes. Por exemplo, o antagonismo que existia em geral entre homens e mulheres teve que se manifestar especificamente entre indivíduos do sexo masculino e feminino em um grau muito maior do que é o caso agora. Portanto, era com frequência “predestinado” que dois tais indivíduos tivessem que se encontrar como possíveis parceiros de casamento. Seus anciãos arranjariam esse fato. Esse tipo de união determinou a esfera de ação para trazer sentimentos e atitudes negativos gerais e específicos à consciência, o que, por sua vez, é a base da transformação. Assim, meus amigos, os “casamentos feitos no céu” não eram nem de longe sempre uniões positivas de amor e afeto, de atração e respeito. A reciprocidade negativa entre muitos e muitos homens e mulheres cri-

ou a consciência coletiva, criou as condições cármicas e criou os padrões da sociedade existentes naquela época.

Em tempos muito recentes, a consciência deu um grande salto em seu desenvolvimento. Tornou-se verdadeiramente pronta para desfazer-se dessas atitudes antigas e criar novas condições, novos padrões, novos valores morais. Isso pode ser visto claramente em seus tempos em muitas mudanças drásticas. O movimento de liberação das mulheres, o movimento de liberação sexual e uma atitude muito diferente em relação ao casamento são claramente sinais de uma consciência recém-surgida. Essas manifestações devem ser vistas à luz de um movimento geral, uma direção evolutiva, para que se possa realmente compreender o significado interno de todas essas mudanças.

Em todos os movimentos evolutivos, existe sempre o movimento pendular, que tende a ir de um extremo a outro. Isso é algo inevitável, algumas vezes até mesmo desejável, desde que vá somente até um determinado ponto em uma direção exagerada. Mas quando esse grau vai além do necessário ou desejável, fanatismo e cegueira evoluem exatamente da mesma maneira que a direção oposta da qual o pêndulo se afastou.

Assim, por exemplo, a liberdade sexual de hoje é uma reação às algemas dos tempos passados. Até certo ponto, essa é uma fase necessária que os indivíduos podem ter que vivenciar temporariamente até que a sabedoria da nova consciência se complete, quando o compromisso com um companheiro é um ato mais livre e mais liberado e infinitamente mais desejável do que a troca descompromissada e fluida de parceiros. O ciclo tinha que passar do compromisso da monogamia involuntária, com as concomitantes violações do desenvolvimento pessoal (tanto dos homens quanto das mulheres), para um despertar do estado debilitante dessa atitude e um consequente liberalismo e expressão poligâmica, para um novo assentamento na real liberdade e independência interior que voluntariamente opta pelo compromisso monogâmico porque este propicia infinitamente mais satisfação, gratificação e realização.

Na antiga atitude com relação ao casamento, um aspecto especialmente pernicioso era que a necessidade sexual, bem como a necessidade de companheirismo, era poluída pela submissão de tais necessidades a propósitos oportunistas, materialistas e exploradores. Sempre que uma corrente anímica é colocada secretamente a serviço de outra, ambas se tornam negativas. Se fosse dado ao amor, a eros e ao sexo seu lugar de direito, a real necessidade de sucesso, de respeito da comunidade, de abundância material poderia funcionar de maneira própria ao eu superior. O fato de que essa poluição e deslocamento foram encarados como se fossem a atitude moralmente mais desejável foi ainda pior. Assim, a humanidade teve que libertar-se de tudo isso, o que teve forçosamente que criar um certo grau de revolta. Portanto, a revolução sexual teve que se manifestar, em determinadas ocasiões de maneiras indesejáveis – mas indesejáveis somente quando vistas fora de contexto. No entanto, a verdadeira lição precisa ser aprendida individualmente. Essa lição é exatamente o que estou dizendo aqui. Os velhos costumes precisam desesperadamente de uma mudança profunda. Uma nova expressão sexual e a alegre aceitação do instinto sexual precisam emergir. Ao mesmo tempo, os homens e as mulheres precisam entender a enorme importância da integridade do amor, de eros e do sexo; do afeto e respeito; da ternura e paixão; da confiança e parceria mútuas; de compartilhar e ajudar um ao outro. É preciso que se compreenda que o relacionamento comprometido não é uma prescrição moralista que os priva do prazer. Absolutamente, exatamente o contrário é verdadeiro. É preciso que se compreenda que a corrente de poder evocada por uma fusão entre amor, respeito, paixão, sexualidade é infinitamente mais extasiante do que qualquer fusão casual poderia jamais ser. Na verdade, é tão poderosa que as mesmas autoridades contra as quais tanta rebelião é lançada te-

mem essa corrente combinada mais do que qualquer um. Essas mesmas autoridades não estão, em essência, muito distantes daquele que se permite vivenciar a sexualidade apenas de uma maneira cindida – desconectada do coração, distanciada da real intimidade e compartilhamento.

É importante conhecer o estado para o qual vocês podem evoluir, digo, para o qual vocês devem acabar por evoluir, porque esse é o seu destino inato. Trata-se do roteiro sem o qual vocês não podem conduzir o seu navio. Mas existe uma diferença sutil, ainda que nítida, entre, por um lado, este modelo que acena e, por outro, uma tentativa forçada de ser o que vocês ainda não se tornaram organicamente. Na primeira alternativa, vocês aceitam seu estado humano. Sabem que, em virtude de sua humanidade, vocês não podem imediatamente ser o indivíduo ideal, totalmente fundido. Vocês sabem que isso demanda um longo tempo, muita experiência, muitas lições, muitas tentativas e erros, incontáveis encarnações até que a substância de sua alma tenha emergido para se tornar esse ser íntegro. Vocês precisam saber que esse estado existe, mesmo que ainda sejam bastante incapazes de vivenciá-lo. Precisam saber disso sem fazerem pressão sobre si mesmos, sem automoralização, sem desânimo. Todas essas atitudes são destrutivas e errôneas.

A tentativa de impor um estado ideal à altura do qual os indivíduos não têm a possibilidade de viver tem, infelizmente, sido praticada por quase todas as religiões organizadas. Esse é o motivo pelo qual a religião organizada adquiriu hoje uma má reputação. O estado de integridade deve ser colocado levemente em sua consciência, se é que posso usar esta expressão. Nunca deve tornar-se um chicote. Deve meramente ser um lembrete de quem vocês já são em essência e de quem vocês se tornarão um dia.

Da mesma forma como é insensato transformar-se em um ateu por causa dos erros da religião, também é insensato descartar o casamento como um todo devido a suas distorções no passado. Antes que uma variedade de indivíduos começasse a desconfiar do casamento como uma instituição válida, a atitude com relação a essa instituição já tinha começado a mudar consideravelmente nas últimas décadas. Em contraste com o passado, os indivíduos escolhiam parceiros livremente e geralmente eram motivados pelo amor. No entanto, isso com frequência também levava a soluções errôneas. Com muita frequência, indivíduos que eram jovens e imaturos demais para formar uma união realmente expressiva optavam pelo casamento, com base em atração superficial e sem um conhecimento mais profundo de si mesmos e do outro. Não é de se surpreender que esse tipo de casamento não pudesse sobreviver. Mas essa etapa, também, precisava ser atravessada para que a maturidade pudesse se desenvolver. Da mesma forma como indivíduos não podem aprender a menos que vivenciem seus erros e imaturidades, a consciência coletiva precisa fazer o mesmo. Novas maneiras têm que ser experimentadas para que a alma alcance a sabedoria e a verdade. A liberdade de escolher independentemente, a liberdade de vivenciar o prazer sexual e erótico, a liberdade de cometer erros e aprender com eles, a liberdade de progredir por relacionamentos diferentes e mais maduros ao longo do crescimento do eu sem condenação – todos estes são pré-requisitos necessários para aprender o real significado do casamento; para vê-lo, não como uma algema imposta por uma autoridade moralizadora externa ou interna, mas como uma dádiva livremente escolhida, o melhor e mais desejável estado imaginável, o prazer mais vivaz e a realização para a qual a alma e a personalidade devem se tornar fortes, flexíveis, maduras, capazes de carregar o poder para essas energias. Bem-aventurança, êxtase, prazer supremo não podem nunca existir infundadamente, arrebatados de forma vulgar. Não podem nascer dessa maneira. Podem nascer somente quando a personalidade tiver alcançado suficiente purificação, segurança, fé, autoconhecimento, compreensão do universo, Cristandade.

A liberação sexual precisa passar por alguns estágios que podem parecer exagerados, ou que podem até ser exagerados, até que mais liberação sexual – a unificação de amor, Eros e sexo – possa criar o casamento da nova era. Encontros sexuais passageiros não devem ser encarados como o estado final da liberação. Trata-se, na melhor das hipóteses, de uma fase muito temporária e limitada a ser ultrapassada. Ninguém que a tenha jamais vivenciado ficou verdadeiramente satisfeito com ela, nem mesmo no nível meramente físico. Vocês podem se iludir de que é o melhor que vocês poderiam esperar vivenciar, mas não é. Vocês podem negar seu anseio não realizado mais profundo porque parte do anseio não realizado até o momento agora está atenuada. Mas é apenas uma pequena parte, e vocês ainda têm um caminho muito longo a percorrer a fim de se proporcionarem aquilo de que realmente precisam, que querem, desejam e o que devem efetivamente ter.

De maneira semelhante à revolução sexual, também a liberação feminina teve que passar por algum tipo de extremo, pelo menos temporariamente. Por isso, algumas mulheres tiveram que se tornar tão duras e inflexíveis quanto seu maior inimigo, o homem, a fim de vivenciarem sua força, sua capacidade de serem independentes, autorresponsáveis, criativas e ricas em recursos. Desde que esta seja uma manifestação temporária, uma fase passageira, uma fase intermediária da qual mais mudanças irão emergir, está tudo bem. Mas quando é vista como o ideal final, torna-se tão prejudicial quanto a mulher infantil suprimida e dependente que vocês não querem nem precisam mais ser. A mulher da nova era combina independência, autorresponsabilidade, chegada completa à idade adulta, com a suavidade e deferência que anteriormente eram associadas exclusivamente à parasita dependente. O homem da nova era combina os sentimentos de seu coração, sua suavidade, sua gentileza, com sua força e habilidades, não de maneira semelhante, mas de maneira complementar. Os dois podem formar o casamento da nova era.

O casamento da nova era não será formado na juventude. Se os participantes forem jovens, terão alcançado uma maturidade considerável como resultado de um Pathwork autêntico e intenso, como este. O casamento da nova era é um núcleo de força, que fortifica um ao outro na jornada em comum e que também fortifica os outros em uma tarefa assumida em comum pela causa maior. O casamento da nova era é totalmente aberto e transparente. Não existem segredos, quaisquer que sejam. O processo da alma do Pathwork é totalmente compartilhado. Essa abertura e transparência precisam ser aprendidas. Pode-se dizer que é um caminho dentro do caminho. É preciso expor sua dificuldade de atingir essa abertura, em vez de negá-la ou ocultá-la. Se você não fizer isso, sua falta de realização não poderá ser aliviada, não importando quanto você possa tentar atribuir a culpa ao seu parceiro ou às circunstâncias externas. Parte dessa abertura é a revelação do medo da forte corrente espiritual, das forças liberadas pela unificação da sexualidade e do coração. Quando o medo é compartilhado, mesmo enquanto ambos ainda possam não ser capazes de livrar-se do medo, as obs-truções vão sendo eliminadas relativamente rápido. E algum tipo de realização vibrante vem até mesmo desse compartilhamento.

No casamento da nova era, um caminho de profundo autodesenvolvimento e de esvaziamento de todas as áreas ocultas do eu é um pré-requisito para a realização e para que se mantenha o relacionamento vivo. Quando a vitalidade sofre um declínio, isso também precisa ser enfrentado em conjunto e explorado. Pode haver qualquer número de motivos, nenhum dos quais necessariamente ruim ou vergonhoso.

Quando todos os níveis da personalidade se encontram, se unem, se abrem uns para os outros e finalmente se fundem, a intensidade e vitalidade do encontro sexual ultrapassará qualquer coisa que vocês possam imaginar no presente. Vocês anseiam profundamente por isso porque essa rea-

lização é seu direito de nascença e seu destino. Ela pode existir somente em uma parceria como a que descrevo aqui – no casamento da nova era. Esse tipo de fusão não pode acontecer facilmente. É o resultado de paciência infinita, crescimento, mudança, transformação. Mas deve viver em sua visão como uma possibilidade que vocês podem efetivamente realizar um dia.

A fusão em todos os níveis da personalidade significa a fusão de todos os corpos energéticos. Esse é muito raramente o caso. Você se dará conta de quando a fusão existir somente no nível físico e de quando isso acontecer nos níveis emocional, mental e espiritual. Todos esses corpos energéticos existem como uma realidade e podem se fundir, ou não se fundir, de acordo com as condições prevaletentes. Quando a fusão acontece em todos esses níveis, você não apenas se torna um com seu parceiro, mas com Deus. Alcança Deus no companheiro e Deus em si mesmo. Não é de se admirar que a corrente de poder seja forte demais para se suportar, a menos que as personalidades envolvidas tenham atingido um alto grau de desenvolvimento e purificação interior.

No momento em que se estiver percebendo que a fusão sexual é insuficiente e desinteressante, a menos que inclua todos os corpos energéticos no processo de união, a abordagem a um encontro sexual será muito diferente do que é agora. Não será nunca casual ou fortuito. Será considerado um ritual sagrado. Esses rituais serão criados pelos casais individualmente e podem mudar em diferentes fases. Nunca se deteriorarão em rotinas fixas. O encontro sexual é uma verdadeira fusão dos princípios masculino e feminino enquanto forças universais. Cada fusão sexual será um ato criativo, criando novas formas espirituais, novas alturas de desenvolvimento nos dois eus que podem ser passadas para outros. A fusão e a complementação desses dois aspectos divinos – as forças feminina e masculina – criarão não apenas realização total, êxtase e bem-aventurança, mas novos valores duradouros e uma experiência verdadeira da realidade divina, do Cristo no eu e no outro.

Meus queridos amigos, esta palestra não deve de modo algum desestimulá-los, não obstante o quão distante vocês pareçam estar da possibilidade e do destino que descrevo aqui. Vocês estão se movendo nessa direção meramente por serem capazes de compreender esta palestra, por serem capazes de optar por usá-la da maneira mais positiva, independentemente do ponto em que estejam. Conhecer esta verdade os libertará, do mesmo modo que qualquer outra verdade deve libertá-los, mesmo que vocês não possam alcançar sua consumação nesta vida. Regozijem-se por ela existir, por ela esperar por vocês. Conheçam esta verdade enquanto o enriquecimento que lhes foi dado.

Existe uma tremenda tensão entre as correntes de energia masculina e feminina. Essa tensão pode se manifestar de maneira positiva ou negativa. Se ela se manifesta negativamente, a sexualidade se liga à negação (homossexualidade, repressão, assexualidade, impotência, frigidez) ou à expressão negativa (sadismo, masoquismo, fetichismos). Em certa medida, pode ser necessário conceder alguma expressão à sexualidade negativamente conectada porque, caso seja completamente negada, a personalidade total estará sendo impedida, e a tensão levará a um tal acúmulo poderoso que a violência não sexual se acumulará. Especialmente se essas expressões ocorrerem na fantasia ou em situações de consentimento mútuo, em que ninguém seja prejudicado ou forçado, esse pode ser um passo em direção a uma sexualidade mais coesa e conectada – especialmente quando esse passo não for glorificado, mas compreendido em seu verdadeiro significado.

Quando a tensão se manifesta positivamente, representa verdadeiramente um ponto nuclear psíquico. O casamento da nova era é um ponto nuclear psíquico. A energia liberada, a criatividade liberada, a reciprocidade do êxtase – estas são experiências profundamente espirituais em, através e com Deus. A sexualidade divina precisa ser reconhecida na nova era. Ela não deve ser encontrada

nos velhos tabus e negações, no julgamento moralizador dessa força criativa; nem deve ser encontrada no desvio que ocorre por necessidade, como resultado do desenvolvimento incompleto. A força explosiva da tensão masculina/feminina e do mecanismo de liberação permeia a personalidade total e transcende o finito. Verdadeiramente espiritualiza o corpo e materializa o espírito, que é a tarefa da evolução.

Com isso eu os abençoo, meus queridos. O Cristo no interior de sua alma mais profunda se funde com a consciência e as energias Crísticas que os cercam e os preenchem com Seu amor, Sua força e Suas bênçãos.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.